



BOLETIM INFORMATIVO

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

da

MISERICÓRDIA do SARDOAL

Nº 10/11 - II SÉRIE

Publicação Mensal

Março/Abril de 1989

Tristes sinais...

Em alguns dos últimos Domingos da Quaresma os fiéis católicos ouviram ler e comentar, à estação da Missa conventual, um brado angustioso do Episcopado Português acerca da insuficiência de clero e do dever imperioso e decisivo de acudir à deserção dos seminários - a qual, nitidamente vem a trazer uma acelerada paganização da terra portuguesa.

Esse apelo angustioso, ressoando em todas as igrejas, quasi tem, à primeira vista, o seu quê de estranheza. E que os próprios templos erguidos pelos nossos maiores, em tanta profusão pela terra portuguesa, assumem-se, afinal, e à primeira vista, como monumentos vivos da altura e da grandiosidade da sua fé - e, dir-se-ia que essa mensagem desoladora dos nossos Bispos, ao repercutir-se nas abbodas desses santuários, se abate sobre a geração que passa como eco da maldição imprecadora dos antepassados contra a barbárie de descristianização que progressivamente se tem vindo a cometer.

Infelizmente, durante longos anos nos deixámos conduzir por ilusões: a ilusão da "maioria católica", a ilusão, mesmo, de um renascimento prodigioso da vida cristã, oposta ao laicismo nascido de uma política sectária.

Embalados por tão acomodaticias e tranquilizantes ideias, fomos deixando insensivelmente de encarar a realidade em si própria, desleixámos as reacções salutareas que a sua triste visão podia despertar e, dando maior força ao número do que ao lume vivo da fé e da caridade ardente, trocámos a vida fecunda, que é tudo no seio da Igreja e da própria sociedade, pelas simples exterioridades ou enganadoras aparências. Tristes de nós!

Daqui o espanto e mesmo, também, a impressão algo dolorosa que em tantos fiéis causou a corajosa pastoral há pouco dada a lume, firmemente decidida a pôr diante de todos a impressionante realidade a que se chegou: -dioceses (como a nossa, por exemplo) numa alarmante carência de sacerdotes e, por conseguinte, com reduzido e insuficiente apostolado, e uma necessidade absoluta e ingente de aumentar o seu recrutamento para evitar a morte de toda a vida religiosa - já quasi abandonada, aliás, numa boa parte das regiões por falta de meios humanos para o seu pastoreio.

Mas, por detrás da estatística do clero, que facilmente podemos inferir das entrelinhas daquele brado, está implícita outra, por certo que ainda mais alarmante: -o número dos indivíduos e das famílias que vivem à margem de toda a lei divina e da qual, mesmo (e infelizmente) muitas delas nem sequer tiveram ensejo de ouvir falar.

Se fosse possível pôr em pé as cifras desta estatística (e o Episcopado possui elementos de grande aproximação para as calcular) bem depressa chegaríamos, então, a uma dolorosa e crua realidade. E logo ressaltaria aos nossos olhos como se tem espalhado a mancha do paganismo prático, empanando aqui as virtudes, dissolvendo além os costumes, derrancando por toda a parte os caracteres e cada vez mais estendendo o reinado dos vícios e das misérias morais.

Continua na última
página

Tu e a pessoa doente

1. No contacto com pessoas doentes, limitados físicos, psíquicos ou amputados, toma clara consciência que estão em situação anómala, porque envolvidos numa fase de «perda de capacidades», com uma auto-imagem em crise, mais ou menos profunda. Lucidamente faz o possível por manter a serenidade, sem te deixares perturbar e envolver emocionalmente; mantem a adequada distância crítica para, de forma empática e objectiva, poderes ajudar a pessoa segundo as próprias necessidades.
2. Sem ansiedade ou inoportuna comiseração, ajuda a pessoa a caminhar para o realismo que as limitações lhe impõem. Não recordes, inutilmente, à pessoa em caminhada de recuperação física, psíquica e social, o seu passado difícil. Frequentemente, seria apenas recordar um pesadelo, reabrir uma cicatriz. Apoiar sim os esforços realizados e a esperança fundada de progressos a conseguir a curto, médio e longo prazo.
3. Devido ao sofrimento objectivo e subjectivo, cansado pela doença e tratamentos, da separação da vida familiar, a perda do emprego e da relação social, a experiência de solidão, anonimato e marginalidade, é possível que se torne uma pessoa ansiosa, desconfiada, retraída ou agressiva. É importante apoiar, ajudar a desenvolver as capacidades disponíveis, para auxiliar a pessoa a olhar os outros e o futuro com confiança; ajuda a acreditar na Vida e no possível significado do sofrimento. É que todas as vidas têm significado, desde que assumidas com realismo e coragem.
4. Na medida em que os doentes experimentam que há pessoas que estão atentas e disponíveis para os acolherem e escutarem sem curiosidade malsã, a pouco e pouco abrir-se-ão e, até eventualmente, chegarão à confiança. De forma discreta e com apurada consciência do sigilo natural, prometido e profissional, está atento, acolhedor, com compreensão sadia, tornando-te merecedor da confiança depositada.
5. Frequentemente as pessoas doentes perdem, pelo menos parcialmente, a consciência da própria identidade e dignidade; receiam o próprio futuro e que a reintegração familiar, profissional e social seja deficitária. É importante, conhecendo o respectivo temperamento, carácter e capacidades disponíveis, estimular a auto-confiança realista, apoiar os esforços e chamar a atenção, positivamente, para os sucessos conseguidos.
6. Por vezes as pessoas amachucadas pela doença, tornam-se «descrentes», azedas e revoltadas; porque sentem-se vítimas inocentes. Escuta e apoia, sem julgar. Quanto dependa de ti, ajuda o doente à auto-estima e à avaliação realista das circunstâncias e do relativismo que envolve tudo o que acontece no dia a dia. E que possa descobrir, na tua serenidade, participação e amizade, que «tudo vale a pena se a alma não é pequena». Para humanizar a vida, torna-te plenamente humano e acolheder, segundo as necessidades de quem sofre.

— João Misericórdias —

Infelizmente... as faltas de respeito e de humanidade para com os doentes e diminuídos físicos e psíquicos, havidas em alguns estabelecimentos oficiais tanto hospitalares como de Assistência, fazem-nos pensar que os princípios basilares e elementares da Caridade e do Amor andam, ainda, mal conhecidos por certos profissionais da saúde:

... do **SERVIDO** **ARTIGOS**
O CAMINHO DE FERRO
PELO SARDOAL

IV

Foi um acontecimento de grande retumbância essa movimentação, de uma centena e tal de animais, montados por homens e mulheres, até à estação de Abrantes, no percurso de 12 quilómetros, aproximadamente.

Muito público se juntou à partida, num grande bulício e alarido em que não faltaram, como é natural, os dichotes e as expressões mais ou menos soezes, que a circunscância propiciava...

O trajecto demorou cerca de duas horas e à chegada, uma outra multidão diferente, já avisada, entretanto do que se passava, estava a postos para assistir ao desembarque da expedição Houve, também, como é natural, alguns comentários atrevidos e de menos correcção, mas os dirigentes da caravana recomendaram insistentemente moderação e prudência para se evitarem atritos.

Dada a grande massa de participantes não foi possível encontrar local adequado para as montadas, nas imediações da estação, e assim, todos se dirigiram para a estrada do Tramagal, tendo acampado nas imediações do forno da cal, que fica na primeira subida, do lado esquerdo, e aproveitaram as oliveiras e outras árvores da zona para prenderem as montadas.

Fez-se um acampamento geral e todos os componentes se serviram lautamente dos seus farnéis, até que se desse a passagem do primeiro comboio -que vinha de Lisboa.

E, quando nos começos da tarde, a máquina despontou ao longe, dos lados do Entroncamento, disparando grossos rolos de fumo para o Céu, muitos dos assistentes que a aguardavam, no alto dos morros sobranceiros à linha, tomados de pânico, fugiram espavoridos, à vista de tal avantesma.

Deve ter sido um espectáculo altamente curioso essa debandada, montes em fora de quem julgou, à primeira vista, que o comboio pudessem saltar da via e investir pela ribanceira acima!

Tudo veio a serenar, porém, com as explicações dos mais intimoratos e esse povo pôde, então, apreciar melhor, e pela primeira vez, o novo meio de transporte que começava a revolucionar o país.

No regresso, e ao passar junto aos domínios da Quinta do Pouxão, esse numeroso grupo foi convidado pelo feitor-gerente a visitar a herdade (nomeadamente as famosas adegas) o que permitiu um remate de grande singularidade a tão original "passeio de domingo".

- M.

Ainda a SEMANA SANTA

Seguindo um tradição de séculos, uma vez mais se realizaram na nossa Vila as cerimónias da Semana Santa.

Coarctadas que vêm sendo no seu brilho e esplendor, desde há alguns anos, por motivos e razões que não tem sido possível ultrapassar, e que se prendem fundamentalmente com a grave falta de clero (que, na nossa Diocese atinge proporções muito vastas) vieram a atingir, mesmo assim, um plano de alta espiritualidade, especialmente na procissão de Endoenças (Quinta-feira Santa), na do Enterro do Senhor, Sexta-feira, e na da Ressurreição, em Domingo de Páscoa.

Se a de mais imponência é a da Ressurreição do Senhor a de maior aparato e espectacularidade é, sem dúvida, a de Quinta-feira Santa, cuja organização e responsabilidade pertencem à Santa Casa da Misericórdia.

Este ano, muitos moradores das ruas do percurso capricharam em voltar, de novo, a iluminarem as fachadas com as características lanternas, tendo-se observado, ainda, a novidade de muitas centenas de lamparinas, ao longo de toda a Rua do Vale, por iniciativa do "GETAS- Centro Cultural".

A ideia, que teve grande impacto e aceitação, concorreu, sem qualquer dúvida, para dar, ainda, maior brilhantismo a essa famosa procissão nocturna.

MEDITAÇÃO

«A humildade é a única base sólida de todas as virtudes».



NA MÃO DE DEUS

Durante o segundo semestre de 1988 foi Deus servido chamar à Sua presença os nossos bons Amigos e Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Sardoaal:

José Alves Garcia
Raul Biscaia Vieira

e os Utentes do Centro-de-dia e da Casa-Abrigo:

Serafim Salgueiro Júnior
Silvério de Matos.

Para todos aqueles nossos Irmãos em Cristo, que dormem agora o sono da paz, pedimos as orações de todos os leitores.

A Misericórdia, como é seu hábito, mandará, também, celebrar sufrágios pelas suas almas.

IGREJA DE SANTA MARIA da CARIDADE

Este belo templo seiscentista, que faz parte do património da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, funcionou durante mais de dois séculos como a Igreja da comunidade franciscana, que habitava o Convento anexo, erigido sob a invocação de Santo António.

Constituiu um grande centro de piedade e fervor religioso e à sua santa protectora se faziam grandes romagens e peregrinações.

Presentemente, só está aberta ao culto em determinados dias do calendário litúrgico e nas festas religiosas votivas, estatuidas no Regimento-Compromisso da Misericórdia.

Entretanto, e devido às suas excepcionais condições acústicas, frequentemente é cedida a Entidades idóneas, para concertos orfeónicos e de música vocal.

As mais recentes audições foram as do "Grupo Coral do GETAS - SARDOAL" que, sendo embora um dos mais novos corais do Ribatejo, manifesta, já, grandes e promissoras esperanças de se vir a creditar, dentro em breve, como um agrupamento de grande classe e valor.



APENAS uma SUGESTÃO

Sendo as quotas dos Irmãos da Santa Casa de um quantitativo pouco mais do que simbólico (salvo as honrosas excepções que sempre existem) muito se desejaria que pudessem ser regularizadas devidamente e nos prazos regulamentares e estatutários.

Na verdade, tudo o que a Misericórdia possa receber é sempre POUCO para o MUITO que há a distribuir ao grande número de necessidades e carências que se nos apresentam a todo o momento.

Todas as ofertas e donativos que nos chegam têm logo, por isso, imediata aplicação!

Tristes sinais...

(Continuação da 1.ª página)

E, com a descristianização é a fisionomia do próprio povo que muda; é a própria alma da raça que se abastarda e envilece; é a família que se dissolve e se degrada; é a indisciplina social que fermenta e se encachoa; é a sociedade que se desarticula em egoismos suicidas.

Por aqui se poderá ajuizar do alcance e projecção desse clamor do Episcopado que, pela verdade e arrojo com que enfrentou as realidades, sacudindo as malfazejas ilusões de que atrás falávamos, pode considerar-se marco importantíssimo na obra, que tanto urge, da restauração da vida cristã em Portugal.

Essa mesma restauração tem de fazer-se assoprando as brasas vivas da fé que dorme sob as cinzas de enganadoras aparências. É desse lume que há-de partir-se para reacender as chamas da vida cristã que outrora iluminou o mundo.

Com o reacender da Fé aumentava naturalmente a messe dos fiéis e, também, por via de consequência, o número de operários que o Senhor enviaria a cuidar dela.

Ah, mas temos de pedir ao Senhor Jesus, muito convicta e empenhadamente, que assim venha a acontecer. Se o não fizermos, com todo o fervor e diligência, estaremos perdidos: dentro em pouco não haverá sacerdotes para nos atenderem, em muitas das nossas comunidades!

E, pelo modo como tudo parece encaminhar-se, nada nos garante que, em futuro não muito longínquo, sobre esta nossa terra de Sardoal uma tal fatalidade se não venha a abater, também!

— M.J.B.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardoal - 2230 SARDOAL

N.º 10/11 - Março/Abril de 1989 - II SÉRIE

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA / Publicação mensal